



QUERIDA TERRA NATAL

Jornal AFATO, Belo Horizonte, maio 2011.p.4.

Sandra Ramalho de Oliveira

Assistente Social, escritora, sócia efetiva da Academia Caratinguense de Letras e membro correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni. Reside em Caratinga-MG.

Meu coração palpitava desenfreadamente demonstrando alegria ao aproximar-me da querida terra natal. Na noite anterior, ansiosa, já me deleitava com a ideia de tudo que desfrutaria em Teófilo Otoni.

Ao avistar a cidade, experimentava uma sensação de euforia incontida, de bem estar e mesmo de gratidão por recordar os anos que ali passei. A cada rua que atravessava, muitas lembranças faziam-me voltar ao passado, cujos sonhos alimentavam as ilusões que povoavam minha mente.

Estava no meu lar, o lugar abençoado onde nasci, dei os primeiros passos e frequentei a escola na qual muito aprendi. Terra dos meus pais, irmãos, parentes e amigos que me acolheu com carinho e deu-me o sustento, sendo o ponto de partida para a minha longa caminhada.

Ao dobrar a rua Hermann Schroeder a percepção da minha casa causava-me um contentamento inexplicável. Um dos atributos da nossa mente é guardar na memória experiências vividas e isso eu cultivo com muito carinho e precisão. Sempre procuro valorizar os bons acontecimentos, pois acredito serem eles o melhor alimento para a alma.

Conservar e recordar todos os passos da minha vida mostra-me que o otimismo, a esperança e a gratidão foram as luzes fundamentais que iluminaram meu coração. É justamente por Teófilo Otoni que tenho a imorredoura gratidão pelos dias maravilhosos que lá vivi. Nossa rua tranquila e com muitas crianças me proporcionou uma infância gostosa, com muitas brincadeiras criativas. Amigas do peito, inesquecíveis, viverão eternamente em minha memória: Edna, Mila, Zazá, Mércia, Dilene e primas que moravam na rua vizinha fizeram parte integrante da minha história.

Domingo de Páscoa foi a festa que embalou os meus sonhos de criança. Comemoração deslumbrante, de tradição alemã, transformava as ruas num palco de alegria, onde as crianças corriam com os ninhos de coelho cheios de ovos multicoloridos, numa verdadeira confraternização. Naquela época não existiam ovos de chocolate. Os pais, então, cozinhavam ovos de galinha e os coloriam de cores variadas, dando um toque especial aos ninhos enfeitados com flores. Na frente de nossa casa, a dona Ilsa, mãe de Mila e Zico, usava de seu dom artístico para enfeitar os ovos com desenhos criativos que eram admirados por todos. Procurei conservar esta tradição em meu lar e meus filhos adoraram essa data.

O Natal, também, foi sempre muito festejado pela família nesta cidade, enquanto vida meus pais tiveram. Era ocasião especial onde todos tinham a oportunidade de se encontrarem, rever os parentes distantes e compartilhar das alegrias.

Outra comemoração alemã esperada era a Festa da Colheita. Na Igreja Luterana, cujo terreno era enorme, reuniam-se alemães de toda a redondeza, que sem dúvida, procuravam transmitir às novas gerações os costumes e hábitos da sua terra natal.

Pela manhã eu estudava no colégio São Francisco, orientado por ótimas freiras, comprometidas inteiramente com a responsabilidade de nos educar. Dona Mercês, a primeira professora, deixou marcas profundas na nossa alma e mais tarde a irmã Aloísia nos acompanhou servindo de intermediária inteligente entre os alunos e as irmãs holandesas, que eram bastante rígidas e intransigentes. Dona Maria José, atual prefeita da cidade, conseguiu com seu conhecimento e habilidade, despertar em nós o gosto por história. Dona Didinha lecionava no Curso Normal. Encantava-nos com sua aula de Canto e ainda nos brindava com músicas maravilhosas dedilhadas ao piano, instrumento que dominava com nobreza e altivez.

Recordo-me do Curso Normal e lamento profundamente a sua extinção. Acredito que ele faz muita falta, pois realmente era inteiramente voltado para a educação primária, e julgo ser insubstituível.

Na adolescência, a Praça Tiradentes foi palco que testemunhou silenciosamente os namoros de uma juventude ingênua e sadia. Um universo de beleza e tranquilidade que encantava a todos. Lá passávamos horas acompanhando as preguiças que circulavam vagarosamente entre os canteiros. À noite apreciávamos a fonte luminosa que, iluminada pelo luar, completava aquele rico cenário. Os vendedores ambulantes de pedras preciosas atraíam visitantes de todas as partes do mundo. Tive a oportunidade de ir em três exposições com trabalhos maravilhosos que me enchiam de orgulho e prazer.

O mercado municipal oferecia as delícias da terra. Carne de sol, farinha, corante, o famoso queijo cozido, além dos legumes e frutas da região.

Aos domingos íamos ao automóvel Clube nas horas dançantes. Seu interior, revestido de lindos trabalhos arquitetônicos, continha colunas imponentes, o que lhe conferiu o título de um dos clubes mais bonitos do interior de Minas. Nesse clube meu pai trabalhou muitos anos. Jamais esquecerei da merecida homenagem que fizeram ao meu pai, quando a Cooperativa de Laticínios completou 35 anos. Recordei das inúmeras madrugadas que ele saía correndo para buscar o caminhão de leite que estava atolado. Sua capacidade de trabalho era imensa. Apesar de diretor, enfrentava qualquer obstáculo sem se cansar.

A rádio da cidade era animada pela inconfundível voz de Lourival Pechir, cujo programa **Revendo o Passado** era apreciado por todos. Ainda me recordo do seu Nô, pai de Humberto, que circulava pelas ruas com a sua bicicleta cumprimentando a todos carinhosamente.

A Vila Barreiros, outro lugar cuja recordação permanece viva dentro de mim. Lá íamos todos os domingos, onde éramos acolhidos pela querida tia Lina. Na Pampulhinha estive em inúmeras festas e muitas vezes fizemos piquenique. Juntamente com o Frei Cristóvão, os jovens começaram um movimento religioso e ali realizaram muitas reuniões. Na juventude tínhamos fôlego suficiente para desenvolver inúmeras atividades e fortificar as energias. Na praça de esportes e no colégio eu jogava vôlei, pois acreditava na capacidade do ser humano aprender de tudo um pouco.

Relembrando meu passado, tenho a felicidade de constatar que experimentei e usufruí de tudo de bom que a vida me ofereceu.

O mais importante é exatamente contentar-se com o que possui e observar com idealismo e coragem que podemos preparar nossa própria história. E foi exatamente nesta cidade inesquecível que meu idealismo foi construído. A ela todo o meu amor e carinho.

Obrigada! Eu a amo!